





ABRACO GIGANTE

Ela pode ser
pequena, mas criou
um paraíso para as
maiores criaturas
da Ásia

POR ROBERT KIENER

ERA UM DIA ÚMIDO de verão, e Sangduen Chailert, 5 anos, cuja família chamava de Lek (“pequenina”), corria entre bambuzais e bananeiras, no pomar de casa, em um vilarejo do norte da Tailândia.

De repente, ela parou e seus olhos se arregalaram maravilhados. Em sua direção, caminhando pesada e silenciosamente, vinha uma elefanta. Lek ficou pasma, mas não amedrontada, pois um homem estava montado no enorme dorso do animal. Ele olhou para a menina atônita e disse: “Ela é sua. Seu nome é *Golden One*.”

Lek caminhou até a elefanta e corajosamente pôs os braços em volta de sua tromba, com cuja extremidade o animal explorou a frágil figura, cheirando a pele da menina. Foi um momento tão arrebatador que Lek se lembraria dele por toda a vida.

O avô de Lek, que era curandeiro, salvara a vida de um menino. Em gratidão, o pai do garoto, chefe da tribo *karen*, viajara três dias no dorso do elefante para apresentá-lo à família.

“Podemos ficar com ela?”, Lek pediu ao avô. “Prometo que vou cuidar dela e alimentá-la.” O avô, que a chamava de “macaquinha” pela habilidade de subir em árvores, não conseguiu dizer “não”.

Todas as manhãs, antes de ir para a escola, Lek se certificava de que havia bananas para *Golden One* e voltava correndo da escola para casa na hora do almoço, a fim de alimentá-la. A ligação entre a elefanta e a menina era notável. Em algumas semanas, Lek já subia correndo pela tromba de

Golden One e se empoleirava na cabeça dela. Para seus companheiros do vilarejo, parecia haver algo de mágico no vínculo da menina com o enorme animal.

ALEGRES E GRATOS PELO CARINHO, OS ANIMAIS CHAPINHAM NA BEIRA DO RIO.



Conforme Lek crescia, ia desenvolvendo a habilidade de persuadir *Golden One* a ajudar em pequenos trabalhos, como carregar arroz ou legumes do campo para o vilarejo onde moravam. Em muitas partes da Ásia, os elefantes são submetidos ao *phajaan*, ritual de treinamento em que ficam confinados em jaulas, cutucados com espetos de madeira e açoitados para reprimir sua vontade própria. Seus treinadores os guiam e os incitam com um gancho afiado de aço, chicoteando-os se eles se rebelam. Mas Lek ganhou a lealdade e obediência de *Golden One* simples-

mente por conversar com ela e recompensá-la com bananas.

EMBORA JÁ TENHAM sido venerados como ícones religiosos e culturais, os



elefantes parecem ter perdido a importância na moderna Tailândia. Um século atrás, havia cerca de 100 mil elefantes no país; hoje há, talvez, de 5 a 6 mil. A maioria dos 2.700 elefantes domesticados da Tailândia trabalha no setor de turismo, mas alguns são utilizados para transporte e atividades agrícolas. A lei tailandesa os considera mais como gado do que como animal selvagem, e eles não são protegidos pelas leis de preservação do país. Com frequência, o abuso fica impune. Recentemente, um elefante foi queimado até a morte por seu dono bêbado, mas o

homem nunca foi acusado de ter cometido um crime.

Lek estava na adolescência quando viu, pela primeira vez, elefantes sendo usados comercialmente pela indústria

madeireira. Ela fora até a fronteira de Mianmar com a Tailândia para trabalhar como tradutora para um grupo de missionários. O que viu a chocou profundamente. Muitos elefantes operários tinham pesados arreios de madeira em volta do pescoço e cicatrizes nos lugares deixados em carne viva pelo atrito das correntes que os puxavam. Ela os viu sendo chicoteados, espancados e molestados. Não havia nada que pudesse fazer para ajudar os animais, mas Lek não conseguia esquecer aquelas cenas.

Como não havia perspectiva de conseguir emprego em sua aldeia, após completar a escola secundária Lek decidiu continuar seus estudos. Com *Golden One* sob o cuidado de parentes, ela se matriculou na universidade de Chiang Mai, no norte do país, e se sustentava vendendo de porta em porta malas e utensílios de cozinha.

Depois de se formar, abriu uma pequena agência de viagens no centro da cidade. Trabalhou duro, e a agência prosperou. Às vezes, via abusos contra elefantes na porta de seu estabelecimento. Em algumas noites, até

30 elefantes, freqüentemente bebês, eram trazidos a Chiang Mai para entreter os turistas e conseguir dinheiro deles. A visão daqueles animais grandiosos explorados pelo tráfico e escapecidos por fregueses bêbados era demais para Lek.

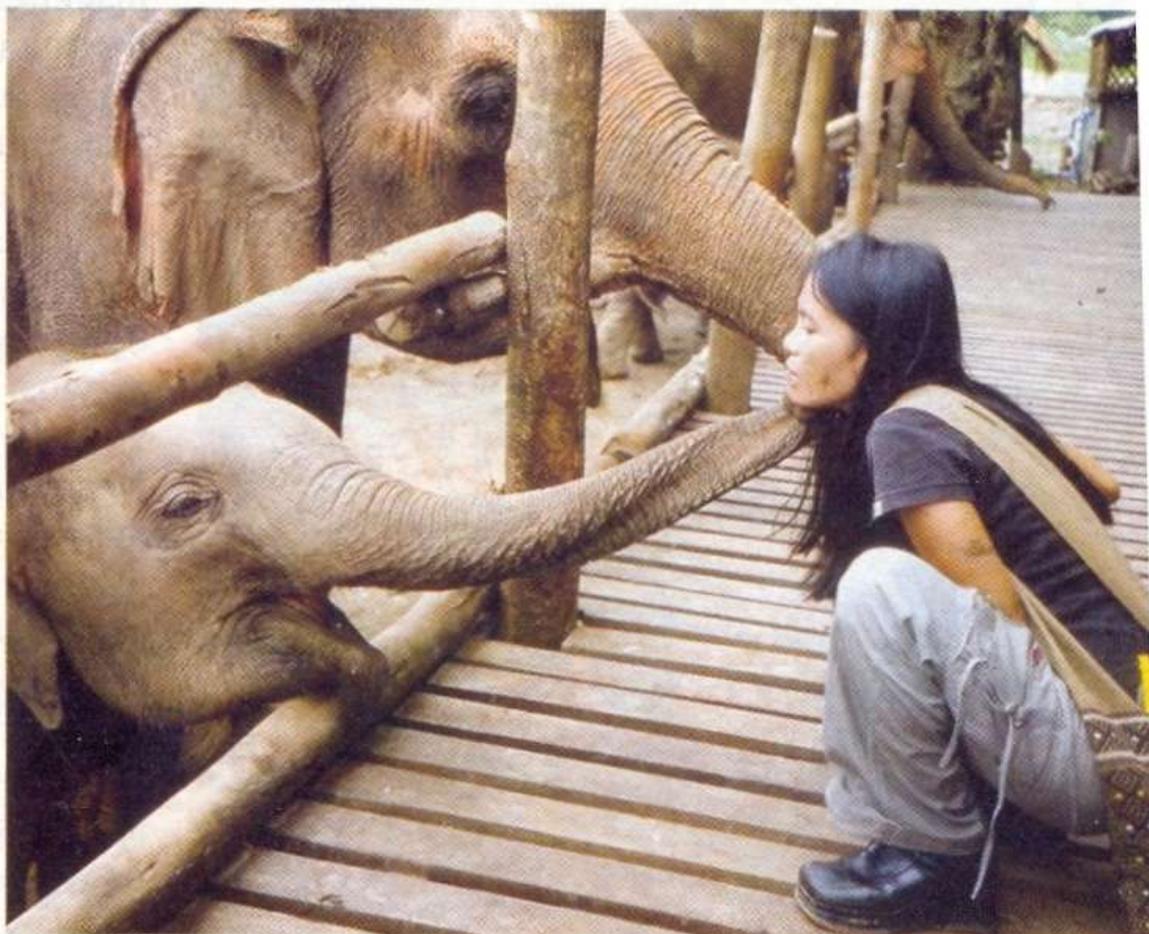
Numa noite de novembro, Lek viu um homem que conduzia um bebê elefante de 7 meses pela rua apinhada, pedindo a turistas que pagassem um cacho de bananas para o animal. Foi a gota d'água para Lek, que criou um cartaz em inglês, alemão, sueco e tailandês, com a frase:

“Por favor, não apóiem o abuso contra este bebê elefante.” Em seguida se colocou ao lado do animal.

O dono ficou indignado. Destruiu o cartaz com um soco e derrubou Lek no chão. Ela foi levada para o hospital, com uma concussão grave e o maxilar fraturado. Durante um mês, só conseguia tomar sopa.

Mas Lek não desanimou. Aprendeu a usar a mídia e as organizações de proteção aos animais para chamar a atenção para a situação dos elefantes da Tailândia. Quando expôs o uso di-

fundido do *phajaan*, ela e os funcionários de sua agência receberam ameaças de morte de pessoas que julgavam o seu trabalho prejudicial ao turismo do país. Para piorar, a vitrine



da agência de viagens foi quebrada com um tijolo.

Mas era preciso mais do que um tijolo para fazer Lek desistir. Ela conseguiu denunciar o abuso contra os elefantes. Mas queria ajudar as vítimas: elefantes velhos, doentes e mutilados, muitos dos quais costumavam ser mortos ou abandonados. O que eles precisavam, Lek decidiu, era de um lugar onde pudessem viver livres, mas a salvo e protegidos. Mas onde? Após uma pesquisa exaustiva, ela recebeu permissão para usar, temporariamente, uma área florestal do governo.

Para iniciar o projeto, Lek vendeu a casa, o carro e quase tudo o que possuía. Usaria os lucros da agência a fim de pagar os custos de manutenção. Para angariar mais recursos, esperava atrair

VER OS ANIMAIS EXPLORADOS PELO TRÁFICO FOI A GOTA D'ÁGUA PARA LEK.

visitantes com interesse genuíno por elefantes e que quisessem ver os animais num cenário natural. Em 1996, com a ajuda de outros entusiastas e instituições de proteção da vida selvagem, ela abriu o Elephant Nature Park, reserva natural sem fins lucrativos. Primeira a chegar, *Mae Perm* era uma fêmea como *Golden One*. O ciclo se fechou. Os elefantes encontraram um lar permanente em 2003, quando uma instituição beneficente americana de proteção da vida animal doou uma área de 16 hectares, localizada 56 quilômetros ao norte de Chiang Mai.

EM UMA TARDE úmida e abafada de maio, cheguei ao Elephant Nature Park e fui recebido pelo barril de mais de 20 elefantes de tamanhos e idades variados. Enquanto os condutores dos elefantes e voluntários descarregavam duas caminhonetes cheias de bananas, melancias e papaias, muitos dos mimados habitantes do parque cruzavam pesadamente os prados, cobertos de capim-elefante alto.

Lek me conduziu até um filhote de elefante que batia na altura do meu peito. “Este é *Pupia*, o bebê de *Mae Toh Koh*”, ela disse, referindo-se ao elefante macho de 8 meses. O bebê, habilmente, arrancou um cacho de bananas que ela estava segurando. “Ninguém sabia que a mãe dele estava prenhe. Então, eles a forçaram a trabalhar até ficar magra.”

Ao nascer, o filhote estava tão abaixo do peso que não conseguia ficar de pé ou andar, e *Toh Koh* não produzia leite suficiente. Mas agora, sob os cuidados de Lek, ambos estavam bem.

Lek tem uma história comovente para cada um dos 28 elefantes resgatados que hoje vivem no parque. *Jokia*, elefanta de três toneladas e 43 anos, que antes trabalhava na derrubada de árvores, ficou cega de um olho quando seu condutor a atingiu com um estilingue para fazê-la se apressar. Depois, seu dono acertou uma flecha no outro olho da elefanta, após ela ter quebrado o braço do homem com a tromba. “Eu a encontrei acorrentada, cega e sendo açoitada cada vez que trombava com uma árvore”, diz Lek. Hoje, *Jokia* anda livre pela reserva e é protegida por sua companheira, *Mae Perm*.

Alguns dos elefantes foram abandonados e outros comprados (por até dez mil dólares), para livrá-los da crueldade de seus donos. O maior, *Max*, de 3,60 m de altura, trabalhava como um elefante “pedinte” nas ruas de Bangcoc. Numa noite, após terminar sua ronda, um veículo de 18 rodas o derrubou e arrastou por seis metros na auto-estrada. Quando chegou à reserva, ele mal podia andar e era pouco mais que pele e ossos.

NÃO É PERMITIDO que os visitantes montem nos elefantes, e nenhum animal sob a guarda de Lek se apresenta em qualquer tipo de *show*. “A reserva não é um circo”, explica ela. Mas os visitantes são encorajados a alimentá-los, banhá-los e conviver com eles.

Enquanto caminho com Lek pelo parque, esquivando-me de excrementos de elefante do tamanho de bolas de boliche, avistamos uma manada se dirigindo ao Rio Mae Taeng, que serpenteia pela reserva. Lek abre um largo sorriso e diz, passando-me um balde e uma escova: “Vamos dar banho neles.”

As enormes criaturas se debatem e balançam as trombas de um lado para o outro. Uma pancada de uma tromba de 130 quilos pode machucar.

– Você não está com medo, está? – pergunta Lek.

– Claro que não – minto.

Os enormes animais chapinham na parte rasa do rio e nos encharcam com a tromba cheia de água morna. Superado o nervosismo, esfrego a testa de *Jungle Boy*, 7 anos. Ele me encara com um profundo olho preto, circundado por grossos e longuíssimos cílios. Enquanto eu encho o balde para despejar sobre sua cabeça, ele me lança jatos d’água. É como estar recebendo água de uma mangueira de incêndio.

Com o crescente sucesso do parque – ela já salvou quase 30 elefantes, e mais de 4 mil pessoas visitaram o lugar no ano passado –, a fama de Lek aumentou. O apoio dado ao seu trabalho possibilitou que expandisse a clínica médica móvel gratuita para elefantes e habitantes dos vilarejos. Seu trabalho de preservação a fez ganhar dois títulos honorários, e sua reputação vem ultrapassando as fronteiras do país. “Lek possibilita que esses elefantes vivam com dignidade e graça”, diz Bert von Roemer, presidente da Fundação Serengeti, nos Estados Unidos. “Ela é a melhor amiga desses animais.”

Enquanto estou de pé no Rio Mae Taeng, com água pela cintura, encharcado, coberto com muco de elefante e cercado de paquidermes felizes como bebês na banheira, é impossível não concordar com ele.

QUESTÃO DE PONTO DE REFERÊNCIA

Na decolagem do nosso vôo, um garoto que estava na poltrona da frente não desgrudava o nariz da janela. Logo ele perguntou ao pai:

– Pai, quando nós vamos começar a diminuir de tamanho?